

## L'ARGENT / 1983

um filme de Robert Bresson

**Realização:** Robert Bresson / **Argumento:** Robert Bresson, baseado em *A Nota Falsa* de Leão Tolstói / **Direção de Fotografia:** Pasqualino de Santis e Emmanuel Machuel / **Direção Artística:** Pierre Guffroy / **Guarda-Roupa:** Monique Dury / **Música:** Bach (*Fantasia Cromática*) / **Som:** Jean-Louis Ughetto / **Montagem:** Jean-François Naudon / **Interpretação:** Christian Patey (Yvon), Vincent Risterucci (Lucien), Caroline Lang (Elise), Sylvie van der Elsen (senhora dos cabelos grisalhos), Michel Briguet (o pai), Béatrice Tabourin e Didier Baussy (na loja de fotografia), Marc Ernest Fourneau (Norbert), Bruno Lapeyre (Martial), Jeanne Aptekmann (Yvette), François-Marie Banier, Alain Aptekmann, Dominique Mullier, Jacques Behr, Gilles Durieux, Alain Bourguignon, etc.

**Produção:** Marion's Films – Eos Films – FR3 / **Produtor:** Jean-Marc Henchoz / **Cópia:** DCP, colorido, com legendas eletrônicas em português, 84 minutos / Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação: Cinemateca Portuguesa, a 19 de Setembro de 1983.

---

Entrevistado por Michel Ciment, que lhe perguntou como acontecia a decisão de aproveitar determinada história que estivesse a ler como base para um filme, Robert Bresson respondeu: *"No caso de A Nota Falsa soube imediatamente. Vi o filme imediatamente, porque a história se relacionava com a minha vontade de fazer um filme sobre uma reacção em cadeia conducente a um grande desastre. Uma nota de banco que acaba por assassinar uma quantidade de gente. Porque é que Julien Sorel matou Madame de Renal [personagens d'O Vermelho e o Negro, de Stendhal]? Saberá cinco minutos antes de o fazer que o ia fazer? Claro que não. Que aconteceu nesse momento preciso? As forças da rebelião libertam-se subitamente no interior de um indivíduo, todo o ódio escondido que se vai acumulando lá dentro. Interessava-me mais o relato que Tolstói fazia disto do que as suas ideias religiosas (...)"*. Na mesma entrevista, mas noutro ponto (anterior, curiosamente), explicou como e porquê se afastou da história de Tolstói: *"Há uma altura em que me liberto completamente, como um cavalo com a rédea solta, e deixo a minha imaginação conduzir-me aonde quiser. A história de Tolstói é bastante diferente [do filme]. (...) No princípio Tolstói refere-se a Deus e aos Evangelhos. Não podia seguir por aí porque o meu filme é sobre a indiferença inconsciente dos nossos dias, em que as pessoas só pensam nelas próprias e nas suas famílias"*.

Não sendo, obviamente (quando se trata de um filme como **L'Argent**), as únicas pistas possíveis, Bresson apontou e "autorizou" assim aquelas que foram (e são ainda) as duas principais pistas seguidas por exegetas e comentadores da sua obra e, em particular, deste seu derradeiro filme.

Por um lado, o irracional, o inexplicável, a explosão (o "grande desastre") que se segue a uma "reacção em cadeia" – algo que, por definição, tem a ver com a física ou com a

química, com a ideia de um mecanismo autónomo e auto-suficiente, que pelo menos uma vez posto em marcha escapa a qualquer controlo ou vontade humana. Evidentemente, não somos os primeiros, nem seremos com certeza os últimos, a associar por este tema **Le Diable Probablement** e **L'Argent**, como se os dois últimos filmes de Bresson olhassem um para o outro, com possível extensão a **Au Hasard Balthazar**, que tem uma estrutura a vários títulos aproximável da de **L'Argent**, partilhando aquilo a que alguns comentadores chamaram uma "estética do caos" (e que, no fim de contas, é apenas outro nome para a "reação em cadeia" descrita por Bresson).

Por outro, a questão social, ou o tema da sociedade descrita (e criticada) como frio mecanismo triturador de indivíduos, com o dinheiro como móbil (Bresson também falou disso: "tudo o que importa a toda a gente é o dinheiro"). Que prato pesa mais na balança de **L'Argent**? A "metafísica" ou a "política"? Será possível dissociá-las ou, neste caso concreto, enformam-se uma à outra? Há um texto muito curioso (e, eventualmente, muito contestável) de Alberto Moravia que propõe, com bastante originalidade, a interligação dos dois termos. Partindo do pressuposto de que em **L'Argent** "o mal" era "a própria existência do dinheiro, independentemente de ser falso ou não", Moravia concluía que Bresson encontrava "o bem", em referência às sequências de Yvon com a família rural, *"nas antigas virtudes da civilização francesa, aquela tradicional mistura de rigor, análise e racionalismo – a marca distintiva do génio nacional. Por outras palavras, o 'bem' transforma-se em 'estilo'. Daqui chegamos à curiosa conclusão de que o mal se encontra na vida, enquanto o bem está no modo como essa vida é representada. O machado sangrento com que o assassino mata as suas vítimas é um objecto mau, mas a imagem do machado é benéfica. Em resumo, o estilo exorciza o mal"*.

É interessante que Moravia use o machado como exemplo para ilustrar a questão do "estilo", porque os planos dos assassinios (o machado propriamente dito, a elipse do candeeiro e das manchas de sangue no papel de parede) estão entre os mais "estilizados" de **L'Argent**. O "humano" quase desaparece, ficam os objectos (o machado) e as marcas do seu trabalho (as manchas de sangue). Como se fosse uma maneira de mostrar um "mal" em abstracção, algo que não está nos homens mas se serve deles, que faz deles "veículos". Em termos figurativos, o "estilo" talvez não seja o que "exorciza" o mal mas o que permite a sua representação e, de alguma maneira, a sua objectivação. Nesse sentido "utilitário", desde os que mentem em tribunal aos que são mortos, passando por aquele que mata (Yvon), todos são vítimas.

Vítimas, e sem redenção. Bresson disse que gostaria de ter filmado a redenção de Yvon mas que isso "estragaria o ritmo do filme". Que se conclui assim – e não esqueçamos, também a obra de Bresson, mesmo que não tenha sido um fim premeditado – com um dos mais terrificantes planos de todo o seu cinema. Levado pela polícia, Yvon sai de campo, e a pouca luz do plano é logo a seguir cortada pelo "negro" final, sem música e sem genérico de fecho. Ou seja, uma espécie de "nada". Não há nenhum "drôle de chemin" que leve Yvon para junto de quem quer que seja. Jeanne, a possível Jeanne de Yvon, foi-se embora a meio do filme, estava Yvon na prisão como Michel em **Pickpocket**.

Luís Miguel Oliveira